

cani da mensal



VENICE
RC

cenário

Um dos eventos mais marcantes do mês foi a decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos de barrar parte das tarifas amplas associadas à administração Trump. A medida reacendeu imediatamente o debate sobre reembolsos bilionários a empresas de bens de consumo e manufatura.

Ainda assim, o ambiente econômico global segue mais incerto. Pesam, de um lado, as políticas tarifárias, especialmente dos EUA, e, de outro, as tensões geopolíticas, com aumento do risco de escalada envolvendo EUA e Irã. Soma-se a isso o desafio persistente de equilibrar inflação e crescimento, além das dúvidas sobre IA: se o retorno financeiro da infraestrutura justificará os gastos massivos realizados.

Nesse contexto, o movimento global de realocação de ativos continuou firme em fevereiro. Mercados emergentes receberam volume expressivo de capital, apoiados por valuations mais atrativos após anos de dominância dos mercados desenvolvidos, sobretudo em big techs. O dólar perdeu força e, em parte, deixou de ocupar sozinho o papel de porto seguro; o ouro, por sua vez, se consolidou como um ativo defensivo relevante para investidores.

Nos Estados Unidos, a economia continua resiliente, operando em um novo normal de fragmentação comercial e rápida evolução tecnológica. Observa-se crescimento leve a moderado, com estabilidade no mercado de trabalho. A inflação, porém, segue acima da meta e relativamente persistente, pressionada pelo aumento de custos de insumos.

Além disso, o consumo permanece desigual entre classes sociais, com gastos mais impulsionados pela população de alta renda. Mesmo com esse cenário, o mercado ainda precifica duas quedas de 0,25 p.p. ao longo de 2026, mais concentradas no segundo semestre, quando o próximo presidente do FED, Kevin Warsh assumir.

Na Europa, por sua vez, o banco central manteve a taxa inalterada, em linha com o esperado, pela quinta reunião consecutiva. O comunicado destacou que a inflação permanece próxima da meta de 2%, com riscos relativamente balanceados entre pressões salariais e choques de oferta. A apreciação do euro e a desaceleração dos preços de energia também contribuíram para esse cenário.

Ao mesmo tempo, o crescimento segue resiliente, sustentado por um mercado de trabalho robusto, consumo apoiado por renda real e poupança ainda elevada, além de gastos públicos em infraestrutura e defesa. Diante disso, o comitê reforçou uma abordagem dependente de dados, decidindo reunião a reunião



Já no Reino Unido, a autoridade monetária manteve a taxa de juros em 3,75%, com placar apertado de 5 a 4, evidenciando a divisão do comitê. A avaliação predominante é de que a inflação pode retornar a 2% a partir de abril, em parte pela evolução dos preços de energia. As projeções indicam crescimento do PIB de 0,9% em 2026 e 1,5% em 2027.

Nesse contexto, a inflação de janeiro recuou para 3,0%, reforçando a expectativa de corte de juros em março. A queda foi puxada por combustíveis, alimentos e passagens aéreas. Ainda assim, a inflação de serviços permaneceu elevada, em 4,4%, indicando que a desinflação segue em curso, porém com pressões remanescentes. Assim, o mercado continua projetando duas quedas de 0,25 p.p. em 2026.

No Japão, a premiê Sanae Takaichi obteve uma vitória histórica nas eleições, garantindo dois terços da Câmara Baixa, o maior resultado do pós-guerra. Com isso, a bolsa japonesa atingiu novos recordes, impulsionada por seu plano de crescimento e pela retomada do debate sobre mudanças constitucionais. A moeda permanece pressionada, refletindo expectativas de uma política fiscal mais expansionista e potenciais desafios para a condução da política monetária pelo Banco do Japão.

Adicionalmente, a inflação de Tóquio desacelerou para 1,8% em fevereiro, abaixo de 2% e no menor nível desde 2024, refletindo principalmente subsídios governamentais para energia. Por outro lado, a inflação subjacente ficou em 2,5%, excluindo energia, mantendo o tema no radar. Dessa forma, o cenário sugere cautela, com juros estáveis no curto prazo e maior dependência dos próximos dados.

Na china, o banco central manteve as taxas de juros inalteradas, sinalizando continuidade na condução da política monetária em um ambiente desafiador, ao buscar equilibrar estímulos e estabilidade financeira. Durante o feriado do Ano Novo Lunar, observou-se melhora no sentimento do consumidor, com aumento de viagens, vendas no varejo e deslocamentos internacionais em relação ao ano anterior.

Esse desempenho sugere que medidas de estímulo, como subsídios e incentivos ao consumo, podem estar surtindo efeito. Ainda assim, permanece a dúvida sobre o caráter sazonal do movimento ou se ele marca o início de uma recuperação mais sustentada, o que determinará a necessidade de apoio adicional adiante.



Em terras brasileiras

O Brasil continuou se beneficiando do fluxo global e foi um dos principais destinos da rotação de capitais, com entrada de cerca de R\$ 40 bilhões no ano. A bolsa seguiu renovando máximas, alcançando a região de 190 mil pontos, e já acumula alta de 17% em 2026 e 51% em 12 meses. No câmbio, o real se valorizou, levando o dólar à menor cotação em cerca de dois anos, em torno de R\$ 5,12. Em meio a esse otimismo, o mercado de juros já precifica aproximadamente 300 bps (3,0 p.p.) de queda na Selic, com início esperado em março, incluindo um primeiro corte de 0,50 p.p., para 14,50%.

Embora haja especulação sobre aceleração do ritmo, o IPCA divulgado no fim do mês veio mais forte, puxado por passagens aéreas e seguro de carro. Em serviços subjacentes, contudo, não houve piora em relação a janeiro, de modo que uma revisão pontual não altera, por si só, a narrativa de desinflação ao longo do ano.

Por fim, em relação à carteira, fevereiro trouxe ganhos em ouro, opções de Ibovespa e dólar futuro, além de resultado negativo em índice futuro. Diante do elevado grau de incerteza, seguimos sem posição direcional de longo prazo, mantendo apenas estratégias táticas de curto prazo.

Entendemos que o índice local já se encontra em patamar mais sensível para carregamento de posição, pois pode sofrer realização a qualquer momento. No câmbio, considerando o déficit em conta corrente ao redor de 3% do PIB, não enxergamos espaço para dólar sustentadamente abaixo de R\$ 4,90 a R\$ 5,00. Em juros, com aproximadamente 300 bps já precificados, também não identificamos assimetria favorável no momento.

Temos acompanhado sinais de possível deterioração no crédito nos Estados Unidos, o que aumenta nossa cautela com o mercado americano. No momento, avaliamos oportunidades para vender bolsa americana, operando principalmente com posições intraday. Mantemos o compromisso de seguir a caminhada em busca do topo da montanha.

Fevereiro 26

Atribuição de Performance

VENICE RC ARSENALE FIM	1,15%	RC HEDGE FIM	1,54%	RC PLUS FIM	2,64%
MOEDAS	0,21%	MOEDAS	0,43%	MOEDAS	1,09%
BOLSA	0,30%	BOLSA	0,61%	BOLSA	1,22%
JUROS	0,03%	JUROS	0,05%	JUROS	0,10%
TAXAS E CUSTOS	-0,25%	TAXAS E CUSTOS	-0,39%	TAXAS E CUSTOS	-0,79%
TITULOS PUBLICOS	0,86%	TITULOS PUBLICOS	0,84%	TITULOS PUBLICOS	1,02%
CDI	1,00%	CDI	1,00%	CDI	1,00%

